

...E A SAUDADE FALOU!

Roberto

(Um programa de Roberto Lis)

(CARACTERÍSTICA MUSICAL DO GRANDE TEATRO DIFUSORA)

SPEAKER: - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM... (Sóbe a característica)

ROBERTO: - ... E A SAUDADE FALOU! (Sóbe novamente a característica)

SPEAKER: - "...E a saudade falou" é mais um grande trabalho da autoria de Roberto Lis e mais um brinde especialíssimo da PANTACO S.A. INDUSTRIA E COMERCIO aos seus amigos e favorecedores.



(OUVESSE AQUI O ANÚNCIO DA PANTACO)

(Ao terminar o anúncio, sóbe a característica por alguns instantes)

SPEAKER: - É a seguinte a distribuição de "... e a saudade falou!":

A marquiza de San Diego...	Claudia	Maria Rosa
Helena - sua sobrinha -	Ilia	Julinia Maria
O Conde de Vila Flora...	Gracia (Roberto)	Maria Helena
Albano - seu filho -	Misicillo	AVALON E FINO
Rosalvo de Campos.....	Walter (Gracia)	Roberto Lis
Percilia.....	Naira	MARIA DO LORDEOS
Soror Piedade.....	Ferretina	LIDIA LITON
Um leiloeiro.....	Sady	Berilas Voz
Um vendedor.....	Nilton	MARIA ROSA
Um mordomo.....		VILDE QUINTANA

Os ruídos de estúdio estão a cargo de Emilio Belo e Elio Machado é o responsável pelo controle de som.

(Sóbe a característica por alguns momentos, baixando, depois, aos poucos, até desaparecer).

Percilia - Está com frio, vovôsinho?

Rosalvo - (velho) Não, minha querida. É que a manta estava escorregando pelos joelhos, foi por isso que puxei-a mais para cima. (Pausa) Paraste de ler, o jornal; por que?

Percilia - Porque o senhor começou a cochilar e eu fiquei com receio de despertá-lo. Estava, agora, vendo aqui a relação de um formidável leilão que vai haver no Solar de San Diego.

Rosalvo - Onde?

Percilia - No Solar de San Diego, a dois kilometros da vizinha cidade de Olaria. Tem verdadeiras maravilhas no catálogo. ~~Sigatop~~ de Sévres, jarrões de faiança, marmores de carrara e bronzes esculpidos pelos mais afamados artistas de França e da Austria. Binóculos de madreperla, pentes de tartaruga, miniaturas, leques... enfim, uma variedade ~~imensa de coisas verdadeiramente preciosas. Tem até um serviço de mesa laurado em ouro.~~ (assustada) Mas o que é isso, vovô? O que tem? Está se sentindo mal?

Rosalvo - Não, não... não te assustes... já está passando...

Percilia - Vou mandar chamar o doutor Cantuário ~~num momento~~, vovôsinho.

Rosalvo - Nada disto, minha querida. Não é preciso. Já estou bem, tu não vês?

Percilia - Ah, vovô, que susto o senhor me deu? O que foi que sentiu?

Rosalvo - Nada, nada. Uma ligeira vertigem. Coisa sem nenhuma importancia.

Percilia - Mas o senhor ficou completamente sem ver, vovôsinho. Eu ficaria muito mais tranquila se o senhor consentisse em chamar o doutor Cantuário.

Rosalvo - Não, minha filha, não vale a pena incomodar o pobre homem. Ele ~~pre-tanto que fazem~~ Já ~~passou~~, não tenho mais nada.

1.040,00

Percilia - Mas a vertigem deve ter tido alguma causa e é isso que precisamos saber.

Rosalvo - Uma causa puramente emocional. ~~Já passou não há mais razão para se preocupar.~~

~~Percilia - Uma causa puramente emocional, disse o senhor?~~

Rosalvo - ~~Sim, Percilia.~~ Foi a noticia do leilão no Solar de San Diego que me trouxe, com as recordações dos tempos idos, esse pequeno disturbio que te causou um susto tão grande.

Percilia - E por que, vovôsinho? O senhor conheceu o Solar de San Diego?

Rosalvo - Estive lá duas vezes apenas e de ambas guardo comigo a mais cruel e dolorosa das recordações.

Percilia - Ih vovô, o senhor me deixou tão curiosa! Não fôsse o receio de lhe provocar uma nova reacção e eu lhe pediria que me contasse o que sucedeu. ~~mas nas duas vezes que o senhor lá esteve.~~

Rosalvo - Eu te contarei um dia. Hoje não. Hoje ^{quero de ti um grande} ~~vou te pedir um favor.~~

Percilia - Fale, Vovôsinho.

Rosalvo - Tu falaste nuns leques que serão postos em leilão, juntamente com outros vários objetos, não foi?

Percilia - Sim. O catalogo refere-se a varios deles. (ruido de jornal) Aqui estão. (Lendo) Um leque de plumas vermelhas com varetas de tartaruga incrustadas de rubis e diamantes. Um leque de gaze cor de rosa, pintado a mão e bordado de minúsculas lentejoilas doiradas. ~~Varetas de sândalo. Um leque de finissima cambraia de cor creme, bordado a cabelo, varejas de marfim com incrustações de ouro e prata. Um leque de setim azul claro com um soneto do poeta Rosalvo de Campos, escrito pelo proprio punho, justamente na época do seu desaparecimento. Varetas de madrepérola...~~

Rosalvo - É esse. É esse. Esse leque tu irás ao leilão do Solar de San Diego afim de adquiri-lo para nós.

Percilia - Por que, vovô? Por que quer o senhor esse leque?

Rosalvo - Prometo-te que has de saber tudo no dia em que m'o trouxeres.

Percilia - Está bem, Vovô. Quinta feira, então, terei que ir à cidade de Olaria.

Rosalvo - E compra-o a todo o custo. Seja ^{por} que preço fôr.

Operador - (Ouve-se o ruido de um trem em movimento)

Percilia - Porque será que ~~vovô~~ ^{vovô} quer esse leque à todo o custo? Por que será?

Operador (Ouve-se o ruido do trem mais alguns momentos, sendo, por fim, abafado pela

GORTINA MUSICAL

Leiloeiro- (alto) Chamo a especial atenção dos senhores rematantes para o ^{precioso} ~~objeto~~ ~~que vai ser posto~~ ~~agora em leilão.~~ ~~Um bellissimo bibelot de porcelana legitima de Sévres que será entregue pelo maior lance obtido.~~ (murmúrios entre os assistentes do leilão) Atenção, senhores: quanto dá pelo lindo bibelot de Sévres?

1ª Voz
Belo - Cento e cinquenta cruzéis.

Leiloeiro- ~~Muito bem. Temos cento e cinquenta cruzéis para começar. Cento e cinquenta cruzéis pelo lindo bibelot de Sévres. Cento e cinquenta cruzéis. Quem dá mais?~~

2ª Voz
Marta - Cento e oitenta.

Leiloeiro- ~~Centos e oitenta cruzéis. Temos cento e oitenta cruzéis pelo lindo bibelot. Temos cento...~~

~~Fábio - Duzentos cruzeiros.~~

Leiloeiro - Muito bem. Duzentos cruzeiros. Tenho duzentos cruzeiros pelo maravilhoso bibelot de Sèvres. É baratíssimo. É de graça. Duzentos cruzeiros por um objeto de porcelana de Sèvres chega a ser irrisório.

20 Maria - Duzentos e cinquenta.

Leiloeiro - Duzentos e cinquenta, duzentos e cinquenta... tenho duzentos e cinquenta

30 Fábio - Trezentos.

Leiloeiro - Trezentos cruzeiros pela maravilhosa porcelana. Trezentos cruzeiros, trezentos cruzeiros. Quatrocentos. Tenho quatrocentos cruzeiros pela maravilhosa porcelana. Tenho quatrocentos cruzeiros

40 Fábio - Quinhentos.

Leiloeiro - Tenho quinhentos cruzeiros pelo lindíssimo bibelot. Quinhentos cruzeiros. Quinhentos cruzeiros senhores. Ninguém dá mais? (Pausa) Quinhentos cruzeiros por um bibelot de Sèvres legítimo é um preço que chega a ser ridículo. Quinhentos cruzeiros. Quinhentos cruzeiros? Quem dá mais? Vejam senhores. A legítima marca de Sèvres. As espadas cruzadas. Quinhentos cruzeiros. Ninguém dá mais?

50 Maria - Quinhentos e cinquenta.

Leiloeiro - Quinhentos e cinquenta. Tenho quinhentos e cinquenta cruzeiros pela valiosa porcelana. Quem dá mais? Seiscentos. Tenho seiscentos cruzeiros. Seiscentos cruzeiros pela valiosa porcelana. Seiscentos cruzeiros. Seiscentos e cinquenta. Seiscentos e cinquenta cruzeiros pela porcelana de Sèvres. Vou bater senhores. Seiscentos e cinquenta - uma. Seiscentos e cinquenta - duas.

60 Fábio - Setecentos cruzeiros.

Leiloeiro - Tenho setecentos cruzeiros pelo lindíssimo bibelot. É uma porcelana valiosa e rara, senhores, não esqueçam. Setecentos cruzeiros. Vou bater. Setecentos cruzeiros uma...

70 Maria - Setecentos e cinquenta.

Leiloeiro - Setecentos e cinquenta cruzeiros. Oitocentos. Oitocentos cruzeiros. Oitocentos cruzeiros. Oito centos cruzeiros uma... vou bater. Oitocentos cruzeiros duas...

80 Fábio - Oitocentos e cinquenta.

Leiloeiro - Oitocentos e cinquenta...

90 Maria - Novecentos.

Leiloeiro - ~~Novecentos cruzeiros. Não vai mais? Vou bater senhores. Novecentos cruzeiros pelo maravilhoso bibelot de porcelana de Sèvres. Novecentos cruzeiros uma... novecentos cruzeiros duas... novecentos cruzeiros... (bate) três. Parabéns, minha senhora. (alto) Tome nota do nome e endereço da senhora. (alto) Vamos sujeitar à melhor oferta, agora é um objeto não menos valioso e raro. Trata-se de um leque de setim azul... (murmúrios) com um soneto do inesquecível poeta Rosalvo de Campos, escrito e assinado pelo próprio punho. Quanto dão pelo precioso leque?~~

~~Fábio - Duzentos cruzeiros. Mil reis~~

Leiloeiro - ~~Duzentos cruzeiros é o lance inicial do precioso leque. Duzentos cruzeiros, senhores. Tenho duzentos cruzeiros pelo leque. Duzentos cruzeiros, duzentos cruzeiros... mil reis pelo leque~~

100 ~~Parúlia - Trezentos.~~

Leiloeiro - ~~Trezentos cruzeiros pelo precioso leque com um soneto e o autógrafo do inesquecível poeta Rosalvo de Campos. Tenho trezentos cruzeiros pelo leque. Trezentos cruzeiros, senhores, trezentos cruzeiros...~~

Ravatauto

fazer para o leilão e lançar mil reis

100

Percília - Se o senhor pudesse avaliar o pesar imenso que a sua resolução me traz! Enfim, o senhor é dono da sua vontade e não ha força alguma que possa obrigá-lo a desfazer-se de uma coisa que lhe pertence.

Rematante - A sua atitude, senhorita, está despertando em mim uma enorme curiosidade. Eu gostaria de saber a razão do seu grande empenho em conseguir esse leque.

Percília - A verdadeira razão nem eu mesmo a conheço. Só sei que vim de longe para adquiri-lo, atendendo a súplica angustiosa de um paralítico.

Rematante - Como? Não entendi bem. Foi um paralítico que a incumbiu de rematar esse leque?

Percília - Sim. Um paralítico. Não sei os motivos que o teriam levado a tal deliberação. Só sei que me fez vir de Coqueiros a Olaria com a promessa de não voltar sem levar-lhe esse ~~leque~~ objeto.

Rematante - Bem... nesse caso... em se tratando de uma pessoa doente... seria demasiado egoísmo da minha parte teimar em não ceder.

Percília - Eu lhe agradeceria tanto! Tanto!... Seria um pouco de luz que o senhor concederia, com a sua bondade, a quem tem vivido sempre nas sombras!...

Rematante - Não é preciso dizer mais nada. Eu sou um colecionador fanático e o autógrafo de Rosalvo Campos era algo de maravilhoso que a sorte me concedera, entretanto, antes de colecionador sei também ser humano. Pôde levar o leque. É seu.

(CORTINA MUSICAL)

(ANÚNCIO)

(CORTINA MUSICAL)

Percília - Foi uma luta sem trégoa, Vovôsinho, mas felizmente aqui tem o que tanto desejava. Pena é que o soneto tenha sido escrito a lápis e o tempo já o tenha apagado tanto que mal se pôde ler uma ou outra palavra.

Rosalvo - (velho) Eu seria capaz de o dizer inteiro de cór, tão bem me recordo dele ainda.

Percília - O senhor o sabe de cór, vovôsinho? Por que?

Rosalvo - Porque fui eu que o ^{comprei} ~~fiz~~ minha filha. E porque fui eu que o escrevi neste leque.

Percília - O senhor, Vovôsinho?!...

Rosalvo - Eu, sim.

Percília - Então o senhor é...

Rosalvo - Rosalvo de Campos, sou eu, minha querida. Era o pseudônimo pelo qual me tornei conhecido, quando fazia versos.

Percília - Vovôsinho!... (Pausa) E por que não me disse isso antes?

Rosalvo - Porque eu mesmo desejava esquecê-lo. (Pausa) Quando desapareci de Olaria e mudei-me para Coqueiros, Rosalvo de Campos morreu. Senta-te que vais ouvir agora, cumprindo a promessa que te fiz, a historia completa desse leque de setim azul com varetas de madreperola.

Percília - Conte-a, sim, vovôsinho. Eu estou ansiosa para conhecê-la.

Rosalvo - (Pausa) Houve, ha muitos anos passados, uma festa de caridade no Solar da Marquiza de San Diego. Não só os nobres de Olaria como os de outras cidades próximas, foram convidados e se fizeram representar. Havia, naquela época, um pobre rapaz modesto que escrevia versos e os publicava no jornaleco da cidade. Seus versos, por ventura ou infelicidade do poeta, começaram a agradar e a sua fama chegou ao reduto dos nobres. E foi assim que a Marquiza, desejando dar um cunho de originalidade à sua festa,

resolveu convidar o poeta para ir pessoalmente ao Solar dizer alguns dos seus versos. Do programa de arte constavam nomes de artistas de grande fama especialmente convidados, também, e essa particularidade, muito mais do que ~~ir~~ conhecer o Solar, fez com que o poeta se resolvesse a aceitar tão honroso convite. O ambiente era de um luxo verdadeiramente deslumbrante! O poeta, humilde e modesto, encolhia-se pelos cantos, olhando com olhos deslumbrados a riqueza das toilettes, dos tapetes preciosos, dos objetos raros e de valor incalculável. Chegou, finalmente, o momento da apresentação dos artistas e sentou-se ao piano uma moça de embriagadora beleza. Parece que ainda estou vendo a elegância e fidalguia daquelas mãos sobre o teclado.

(Começa a ouvir-se um noturno de Chopin, a principio ao longe e depois o som vai aos poucos se aproximando até que toca perto, até o fim).
(Ao terminar o noturno muitos aplausos).

Rosalvo - (moço) Encantadora!... Maravilhosa!... Bem sei que é uma audácia da minha parte mas não resisto à tentação de falar-lhe.

(CORTINA MUSICAL)

Rosalvo - (Faz fundo para toda a cena musica de violino acompanhado ao piano) (moço) permite que lhe dirija a palavra, senhorita?

Helena - (assusta-se) Oh que susto!... Eu estava tão distraída que não senti a sua aproximação.

Rosalvo - Olhando a beleza da noite ou pedindo às estrelas uma graça?

Helena - Nem uma coisa nem outra. Vim ocultar-me neste balcão para fugir aos cumprimentos protocolares daqueles que me ouviram tocar.

Rosalvo - Pois eu vim no seu encalce justamente para cumprimentá-la. Nunca em meu espirito a música de Chopin calou tão profundamente como interpretada pelas suas mãos maravilhosas!

Helena - Obrigada. Com quem tenho o prazer de falar?

Rosalvo - Sou Rosalvo de Campos, o modesto e humilde poeta a quem a Marquessa de San Diego concedeu a honra imerecida de convidar para esta reunião tão seleta.

Helena - Ah, sim, titia havia me falado em que o senhor havia acedido ao convite de vir declamar para nós. Creia que tenho muito prazer em conhecê-lo pessoalmente, senhor Rosalvo.

Rosalvo - O prazer é todo meu, gentilissima senhorita. Bem sei que uma criatura de tão humilde condição não deveria, jamais, testemunhar a uma fidalga nem mesmo o entusiasmo e a admiração que esta, por acaso, lhe inspirasse. Mas esse entusiasmo e essa admiração foram tão fortes que transformaram ~~xxxxxxx~~ em audácia a minha timidez. Peço-lhe que me perdoe.

Helena - Ora essa, senhor Rosalvo, perdoar o que? Penso que é igual o direito que ~~tem~~ todos de manifestar livremente aquilo que ~~se~~ *pensam*.

Rosalvo - Assim deveria ser, senhorita, mas infelizmente o mundo é imperfeito e os pensamentos plebeus não deveriam subir além da sua própria esfera. Creio mesmo que os reflexos da sua beleza sobrenatural foi que me entorteceram a ponto de me fazer esquecer todas as regras da conveniencia, ~~transformando~~ *transformando um homem modesto, como eu, num jovem arrebatado.*

Helena - O senhor é muito amavel e essa amabilidade é que faz com que o senhor exagere os meus dotes. (Passos que se aproximam) Parece que o mordomo vem nos procurar.

Rosalvo - Com certeza vem avisar-me que é a minha vez de
Mordomo - ~~Senhor Rosalvo de Campos a senhora Marquessa manda avisá-lo que depois deste número é a sua vez de fazer ouvir.~~

Rosalvo - Perfeitamente. (Passos que se afastam) A senhorita vai ficar aqui?

Helena - De maneira alguma. Faço questão de ouvi-lo também. Voltemos ao salão.

(CORTINA MUSICAL)

~~(Três Dattad Sortes)~~

Mordomo - ~~Anunciando) O poeta Rosalvo de Campos. (Muitas palmas)~~

Rosalvo - ~~Obrigado. Muito obrigado. (Pausa)~~ Tuas mãos! ^(Ten) É o título do que vou dizer, ~~e~~ precisamente o último soneto que compuz. (Pausa)

Branças mãos!... Mãos fidalgas que fizeram vibrar meu coração com o teclado!
Branças mãos!... Mãos divinas que trouxeram a par dos sons, um sonho que é um pecado!

Branças mãos que fizeram, num momento, com seus dedos mimosos, pequeninos, um poeta cair em desalento pensando na distancia dos destinos!...

Mãos fidalgas, de nobre realeza!
Deveis ter sido o sonho de beleza d'Aquela que criou todos os mundos!

Bem valeis o encanto de um poema, brancas mãos que eu quizera, n'hora extrema, sentir sobre os meus olhos moribundos!... (Muitas palmas)

(CORTINA MUSICAL)

Helena - Ha pouco foi o senhor que me veio procurar aqui para felicitar-me pelo que toquei. Neste momento invertem-se os papeis. Sou eu que venho felicitá-lo. Que lindo soneto! Maravilhoso mesmo!...

Rosalvo - Sabe que o compuz enquanto tocou, especialmente para a senhorita?

Helena - Francamente... eu... eu nem sei como deva ~~lhe~~ agradecer. *che*

Rosalvo - Agradecer o que? Não vejo o que possa merecer agradecimento da sua parte. Eu sim devo agradecer a sua magnanimidade de receber com indulgente sorriso a minha petulancia.

Helena - Ora, por favor, não diga semelhante cousa.

Rosalvo - Sabe que tudo quanto disse nos meus versos é a expressão da verdade?

Helena - (Pausa) Eu... eu gostaria de ter uma cópia desse soneto para guardá-lo comigo.

Rosalvo - Eu me sentiria imensamente orgulhoso com isto. Infelizmente, porem, não possuo aqui nem lápis nem papel para reproduzi-lo.

Helena - Eu tenho o lápis do meu carnet, e papel... não seria difficil de arranjar... Ah, tenho uma ideia! Escreva-o sobre o setim do meu leque.

Rosalvo - Seria uma verdadeira lástima estragar um leque tão lindo com uns versos tão pobres.

Helena - Não. Escreva, por favor. Insisto que escreva.

Rosalvo - Está muito bem. Escreverei. Seu pedido é uma ordem, senhorita.

(CORTINA MUSICAL)

Rosalvo - ~~(ruído de escrever) Brancas mãos... que eu quizera... na hora extrema... sentir... sobre os meus olhos... moribundos... (Pausa) Pronto. Aqui está o meu soneto no seu leque~~

Helena - ~~Ainda não está pronto, não, senhor Rosalvo. Falta a sua assinatura da qual faço questão absoluta.~~

Rosalvo - ~~(ruído de escrever) Pronto. Creio que agora está completo.~~

Marqueza- Helena! ~~(Susto de Helena) Apanhando frio aqui fóra, menina.~~

- Helena - Titia eu... eu estava dizendo ao senhor Rosalvo...
- Marqueza - Dê-me esse leque. (Fausa) Volte para o salão.
- Helena - Com licença, senhor Rosalvo. (Passos que se afastam)
- Rosalvo - (pigarro de constrangimento) Senhora Marqueza... está simplesmente deslumbrante a sua festa.
- Marqueza - Senhor Rosalvo, lamento profundamente ser obrigada a manifestar-lhe o meu franco desagrado pela sua atitude.
- Rosalvo - Peço-lhe mil desculpas, senhora Marqueza.
- Marqueza - O seu pedido de desculpas em nada atenua a sua falta. Melhor fôra que jamais esquecesse a sua humilde posição de homem do povo e soubesse respeitar os nobres que indulgentemente permitiram-lhe entrada em sua casa.
- Rosalvo - Perdão, senhora Marqueza. Não vejo em que, trocando algumas frases com a sua sobrinha, eu possa ter desrespeitado a sua casa.
- Marqueza - Cale-se. O senhor é um ousado. Abusou da minha hospitalidade procurando comprometer o nome de minha sobrinha. X Queira retirar-se antes que o mande por na rua pelos criados.
- Rosalvo - Senhora Marqueza, permita ao menos... *X que é pouco mais que uma mentira. Calor, senhor, um homem velho, certo o que aconteceu.*
- Marqueza - Cale-se, já disse. E retire-se antes que o faça sair à força.
- Rosalvo - Com licença. Boa noite. (Passos que se afastam)
- Marqueza - Atrevido! Insolente! Af está o resultado de sermos indulgentes com a plebe. X Não se pôde andar pelas sargetas sem salpicar de lama nossas vestes.

X é tolice. Não... (CORTINA MUSICAL)

FIM DO 1º ATO.

- Percília - Que horror, vóvôsinho! Que humilhação o senhor deve ter sofrido!
- Rosalvo - (velho) E que revolta, minha filha!... Que revolta contra a estupidez das castas e dos preconceitos que teimavam em levantar barreiras entre corações que se compreendiam.
- Percília - E a moça? ~~depois?~~ Não tornou a falar com o senhor depois?
- Rosalvo - Nem sequer tornei a avistá-la ~~depois daquela noite~~, quanto mais falar ~~com ela~~. A Marqueza era terrível nas suas deliberações e jurara a si mesma que nós não nos tornaríamos a encontrar. E assim foi.
- Percília - E nunca mais teve ao menos notícias dela?
- Rosalvo - A princípio foram inúteis todos os meus esforços neste sentido. Passados dois ou tres meses travei conhecimento com um empregado da coudelaria da vila que era noivo da camareira da marquiza. E era ele, então, que de volta da visita semanal que fazia à sua noiva, me punha ao correr dos acontecimentos desenrolados no Solar. Foi ele que, repetindo as palavras da camareira, me contou o que houvera entre a Marqueza e Helena, logo após haver terminado aquela festa em que ela nos surpreendera no balcão.

(Uma rápida frase musical)

- Marqueza - Porque não foste aos meus aposentos, como de costume, antes de deitar-te?
- Helena - Era tão tarde, titia... eu estava tão cansada... acreditei que a senhora também estivesse aflita para repousar.
- Marqueza - Estava aflita para falar-te a sós. Isso sim.
- Helena - Bem sei que titia vai me reprimir pelo que aconteceu.
- Marqueza - Mas é claro que tenho que te reprimir, ôra essa! Ou quem sabe achas muito natural o que fizeste?

Helena - Não, titia, eu bem sei que andei em falta e que mereço a sua recriminação. Juro-lhe, entretanto, que o nosso encontro naquele balcão foi puramente casual.

Marqueza- E teria sido também por acaso que ele escreveu no teu leque um soneto que a gente está sentindo que foi feito para ti? (Pausa) Vamos, responde. Será também isto mera casualidade? Um arrojado! Um petulante é o que ele é.

Helena - Não, titia, ele não tem tanta culpa. Eu sou a maior culpada. Foi eu que lhe pedi que escrevesse. Foi minha, ~~andei~~, a ideia de reproduzir o soneto no leque.

Marqueza- Ah foi tua a ideia?!... E ainda tens o despudor de confessá-la? Onde foste buscar semelhante ideia? Onde viste tão mau exemplo? Onde leste, onde aprendeste tamanho desfrute? Dentro da minha casa não foi. Aqui, pelo contrário, desde que te recolhi, pequenina, só tens recebido exemplos de piedosa moral cristã.

Helena - (chorosa) Foi uma leviandade de que me arrependo, titia. Peço-lhe que me perdoe.

Marqueza- Fraz a os céos que ninguém te tenha visto, afastada e escondida, em companhia de um ~~plebeu~~ plebeu. Tenho que perdoar-te porque também a culpa me cabe em parte. Eu é que nunca deveria ter aberto a porta do meu solar para gente de casta inferior. Mas podes estar certa de uma coisa: se tu não sabes zelar pela honra e dignidade de um nome do qual devias ter orgulho, eu serei a defensora desse nome porque nas tuas veias, como nas minhas é o mesmo sangue dos San Diego que circula. E por ele eu te juro: nunca mais o avistarás.

(CORTINA MUSICAL)

Conde - Se a senhora Marqueza de San Diego quizesse me conceder alguns momentos de atenção, agora que estamos sós, eu passaria a tratar de assunto que me parece muito importante e de grande interesse tanto para mim como para a senhora Marqueza.

Marqueza- Podeis falar, senhor Conde de Vila Flora. Sou toda ouvidos.

Conde - Antes, porem, de entrarmos verdadeiramente no assunto, tornar-se-á necessário provocar uma confissão da ~~XXXXX~~ vossa parte como também necessário será que a senhora Marqueza use de toda a sinceridade para comigo.

Marqueza- Falai, senhor Conde, falai.

Conde - É o seguinte, senhora Marqueza de San Diego: com a percepção natural que adquiri das coisas da vida, não me passou despercebido o abatimento que se apossou ultimamente da senhora ~~XXXXX~~ vossa sobrinha e a reclusão - espontânea ou imposta - em que tem vivido ~~XXXXXXXXXX~~ nestes últimos tempos. Nas meninas da sua idade essas coisas acontecem apenas por dois motivos: ~~os~~ amores contrariados ou mal correspondidos.

Marqueza- É uma observação muito interessante e não menos justa, senhor Conde de Vila Flora.

Conde - Ora muito bem! Se admitirmos que as razões que causam este fenómeno em vossa sobrinha sejam reflexos de um amor mal correspondido, nada devemos tentar junto a ela porque então nada conseguiremos até que a mágoa oriunda desse acontecimento se tenha desvanecido. Se ao contrário, porem, esse abatimento e essa reclusão em que tem vivido forem causados por um amor contrariado, a única maneira de liquidar definitivamente a questão cortando o mal pela raiz, seria tratar-se de arranjar-lhe um casamento. Esta solução seria a única capaz de evitar uma loucura qualquer a que geralmente estão sujeitas as meninas da idade de vossa sobrinha.

Marqueza- Efetivamente, senhor Conde. Tendes toda a razão.

Conde - Se alguém tem o direito de concordar ou fazer oposição aos amores da minha Helena, sois vós unicamente.

Marqueza- Efetivamente, senhor Conde. ~~Unicamente a mim cabe tal autoridade.~~ *Somente eu tenho autoridade p: isto.*

- Conde - Óra muito bem! Se contrariáreis os amores da menina Helena é porque motivos de sãbra deverão existir.
- Marqueza- Efetivamente, senhor Conde. Efetivamente.
- Conde - As meninas apaixonadas, entretanto, não cogitam de saber se as razões existem ou não existem. Cogitam, isso sim, de realizar, a qualquer custo, o seu sonho de amor. Eis, então, senhora Marqueza, a razão porque não basta fazer-se oposição. Deve-se ainda, como disse a princípio, tratar de cortar o mal pela raiz, evitando que ele cresça, trazendo - sabe Deus - que horrorosas consequências. E para cortar o mal, já vos indiquei também o remédio eficaz. Peço-vos agora, senhora Marqueza, que me digais com toda a sinceridade, se é ou não essa a situação de vossa sobrinha.
- Marqueza- É essa, ~~sim~~, precisamente, a situação de minha sobrinha, senhor Conde e procurar negá-la seria uma enorme tolice sem qualquer justificativa. Ela se apaixonou perdidamente por um mísero plebeu e eu - nem poderia ser de outra forma - oponho-me com todas as veras de minh'alma a que essa união se realize.
- Conde - Mas não basta a vossa oposição, senhora Marqueza de San Diego. Lembrai-vos disso. É necessário cortar o mal pela raiz. E é precisamente o remédio para esse mal que venho botar à vossa disposição. Ofereço-vos a mão de meu filho Albano para a ~~senhora Helena~~ vossa sobrinha, senhora Marqueza.
- Marqueza- Oh, senhor Conde! Nem sei como vos agradecer tamanha bondade.
- Conde - Um momento, senhora Marqueza. Há, porém, uma particularidade que não devo ocultar uma vez que tivestes a sinceridade de confessar, sem nenhuma reserva, a situação de vossa sobrinha. Meu filho não levará nenhum dote pois a nossa situação financeira é de verdadeira apertura. Direi mesmo que é uma situação ~~verdadeiramente~~ angustiosa que dentro de pouco tempo não será mais possível sustentar.
- Marqueza- Isso pouco importa para mim, senhor Conde de Vila Flora. Helena é riquíssima e além do mais será a minha única herdeira. Esse casamento, pois, será uma verdadeira salvação para os nomes de San Diego e de Vila Flora.

(CORTINA MUSICAL)

- Albano - Óra, papai, francamente! Que ideia mais fúnebre essa sua!... Por que ha de teimar em casar-me tão cedo?
- Conde - Porque é o destino de todos os homens, meu filho. E depois, Albano, serás obrigado a concordar que te arranjei uma menina encantadora!
- Albano - Não tenho nada a dizer contra ela, ~~na~~ em verdade. É bonita, inteligente, toca muita bem piano, é elegante...
- Conde - (insinuando) Rica.
- Albano - Isso é o que menos me preocupa, meu pai. Conservando o que tenho estou completamente satisfeito e não desejo mais.
- Conde - Mas uma fortuna como a da sobrinha da Marqueza de San Diego não é para se desprezar, meu filho. É uma das maiores fortunas daqui. (Pausa) Então? O que resolves?
- Albano - Ouça, meu pai: eu não desejava contrariá-lo. O senhor sempre foi tão bom para mim... ~~na~~ verdade, ~~porém~~, é que não sinto o menor entusiasmo por esse casamento. Acho mesmo prematura a ideia de casar-me agora. Sou muito moço. Desejo aproveitar um pouco mais a vida.
- Conde - Mas a questão, meu filho, é que um partido como Helena de San Diego não nos aparece todos os dias. É uma vez na vida, quando aparece.
- Albano - Mas se ela gostar realmente de mim poderá esperar mais alguns anos.
- Conde - Esqueces que nesses alguns anos muitos outros rapazes hão de propor-lhe casamento e que ela vendo-se desprezada por ti poderá aceitar ~~algum~~ algum deles.
- Albano - Pois se assim for, era o destino dela e o meu. Será melhor.

- Conde - Albano, ^{meu filho,} que preteri es da vida, afinal?
- Albano - Óra, meu pai, que pergunta ingênua a sua. O que pôde pre-ender da vida um moço como eu? Viver.
- Conde - E o que consideras viver, meu filho?
- Albano - Divertir-me, montar a cavalo todas as manhãs, fazer os meus exercicios de remo e de esgrima, vestir com apuro, comer bem, beber bons vinhos e procurar, de vez em quando, os ambientes alegre onde ha musica e boas raparigas.
- Conde - E pensas que tudo isto poderá valer a tranquillidade de um lar ao lado de uma mulher rica, carinhosa e inteligente?
- Albano - Por Óra penso, meu pai. É possível que mais tarde venha a trocar de ideia como é possível, tambem, que, perdendo esta oportunidade que se me apresenta, venha a arrepender-me mais tarde; a verdade, porem, é que não desejaria trocar a vida que levo por nenhuma outra, embora ela me apresentasse as maiores e melhores perspectivas.
- Conde - E se eu te dissesse que estás arriscado a perder a vida que tens de um momento para outro?
- Albano - Como? Por que?
- Conde - Ouve meu filho: eu fiz tudo para ocultar-te a verdade e foi procurando acautelar os teus interesses que busquei acertar com a senhora Marqueza de San Diego o teu casamento com a sua sobrinha. Uma vez, porem, que relutas em aceitar a solução que te apresento, sou obrigado a dizerte a verdadeira situação em que nos encontramos.
- Albano - Não precisa dizer mais nada, meu pai. O que já disse é mais do que suficiente para que eu compreenda que estamos à porta da ruina.
- Conde - Temos tudo hipotecado a um rico ^{agosto} ~~que~~ que não nos perdoará a dívida nem nos concederá mais prazo para resgatá-la.
- Albano - Tudo, disse o senhor, meu pai? Até mesmo esta propriedade em que vivemos?
- Conde - Até mesmo esta propriedade em que vivemos, Albano.
- Albano - Então quer dizer que os meus cavalos, os meus exercicios de esgrima, as minhas boas roupas, os meus bons vinhos...
- Conde - ^{dá-me} (após uma pausa) Tudo isso terminará se não te resolveres a aceitar a menina Helena de San Diego. (Pausa longa) E então? ~~o~~ que preferes?
- Albano - (pausa) Bem... uma vez que a verdadeira situação é essa... que se salve, ao menos, o nome ~~de~~ Vila Flora. Aceito a menina Helena de San Diego.
- (CORTINA MUSICAL)
- Helena - A camareira foi me avisar que titia desejava falar-me?
- Marqueza- Sim. Senta-te que temos muito que conversar. (Pausa) Tenho uma comunicação muito importante a fazer-te.
- Helena -Estou às suas ordens, titia.
- Marqueza- O Conde de Vila Flora pediu-me a tua mão em casamento para o seu Filho Albano e eu desejo comunicar-te que respondi-lhe afirmativamente.
- Helena - (após uma pausa) Mas titia... eu... eu não amo o senhor Albano. Posso mesmo dizer que mal o conheço.
- Marqueza- Conheço-o eu, de sôbra, e sei que é um excelente rapaz.
- Helena - Mas não é o bastante que a senhora o conheça para que eu possa sentir-me feliz ao lado dele.
- Marqueza- Bem sei o que desejavas e conheço muito bem os motivos pelos quais relutas em aceitá-lo.

Helena - O motivo principal é perfeitamente humano, tia. Eu não o amo.

Marqueza - Isso não tem nenhuma importancia. O amor vem depois com a convivencia.

Helena - Mas se não vier, desgraçará toda a minha vida. E a senhora já pensou bem no que será, neste caso a minha tortura?

Marqueza - Albano é um rapaz que qualquer moça aceitaria com orgulho. É nobre. É bom e inteligente.

Helena - Mas não bastam essas tres qualidades para que um rapaz desperte o amor no coração de uma mulher.

Marqueza - Helena, é inútil continuar relutando por que eu já empenhei a minha palavra ao senhor Conde de Vila Flora e não voltarei atrás sob pretexto algum.

Helena - Pois saiba então, tia, que eu não concordarei em casar-me com esse moço. Porque me criou de pequena, administrou os meus bens e instituiu-me sua herdeira universal pensa que tem o direito de pôr a disposição também do meu coração? Pois está enganada. Só a mim e a mais ninguém cabe o direito de resolver se o aceito ou recuso *um homem para marido.*

Marqueza - Como? Tens a audacia de te insurgir contra as minhas determinações? Pois hei de mostrar-te que também sei castigar aos que me resistem. Ou aceitarás o casamento que te imponho ou serás recolhida a um convento para o resto da tua vida. Pensa bem nas soluções que te apresento e resolve antes da noite quando o senhor Conde de Vila Flora virá receber a confirmação do casamento.

Helena - Não é necessário esperar o anoitecer, tia, porque a minha resolução não se modificará. Prefiro enterrar a minha mocidade entre as paredes frias de um convento, a ter de viver toda uma vida ao lado de um homem a quem o meu coração rejeita.

fim do 2º ato
(CORTINA MUSICAL)

(Não entra esta cena)

Piedade - A nossa ordem, minha filha, concede sempre a todas aquelas que nela ingressam, o direito de fazerem um pedido qualquer, antes de vestirem o hábito que as ha de separar definitivamente do mundo profano. Pede, pois, o que desejas.

Helena - Irmã Piedade, eu gostaria de poder guardar comigo um leque de setim azul que me pertenceu e que se encontra em poder de minha tia.

Piedade - É por que razão o desejas guardar? Que ~~utilidade~~ utilidade poderá ter ele em tua vida de religiosa?

Helena - É que... Irmã Piedade, esse leque representa para mim o despontar de uma felicidade que ~~foi~~ prematuramente foi cortada.

Piedade - Mas minha filha, ... eu não sei se deva... Esse leque talvez fôsse um elo que continuasse a te prender à vida profana da qual te deverás desligar, totalmente, ao penetrar nesta casa.

Helena - Neste caso, então, Irmã Piedade, nada mais desejo além dele.

Piedade - Está bem, minha filha. Eu vou conversar com a Senhora Marqueza e verei o que é possível fazer.

Helena - Obrigada, irmã Piedade.

(CORTINA MUSICAL)

Marqueza - Extranho verdadeiramente que a senhora tenha sido capaz de concordar com um pedido desta natureza, Irmã Piedade.

Piedade - Não me cabia o direito de concordar ou discordar, senhora Marqueza, e apenas de transmiti-lo. Foi o que eu fiz. Quem poderá concordar ou não é a senhora, em cujas mãos está o objeto que se tornou motivo do último pedido de sua sobrinha na vida profana.

Marqueza - Pois diga-lhe, irmã Piedade, que não entregarei esse leque. Que destruírei.

(CORTINA MUSICAL)

Salta p.º 14

- 1a
14
- Conde - A nossa felicidade está pendente da última palavra da menina Helena, se nhora Marqueza de San Diego.
- Marqueza - Mas a última palavra dela, infelizmente, é a mesma de rebeldia e desobediência.
- Conde - Quem sabe se eu me entendesse diretamente com ela, se lhe explicasse sinceramente a situação... pôde ser que ela se apiedasse da sorte que nos espera...
- Marqueza - Não creio, senhor Conde de Vila Flora. Conheço muito bem minha sobrinha para me deixar iludir com qualquer esperança. Ela tem nas veias o sangue dos San Diego. É persistente e pirrônica como eu. Como todos os San Diego. Sabequal foi o seu último pedido da vida profana à superiora da ordem onde vai ingressar? Queria guardar com ela o leque de setim azul com o autógrafo do causador de toda esta tragédia. Naguei-o. Pensei que pediu qualquer outra coisa em substituição? Não. Disse à irmã Piedade que uma vez que não podia guarda-lo com ela nada mais desejava.
- Conde - Meu filho vai ficar verdadeiramente desolado quando souber de tudo isto. Ele a ama tanto e sofre tanto que dá pena ver-se.

2a
(CORTINA MUSICAL)

- Albano - Ora, meu pai, francamente! Não vejo motivo para tamanho abatimento. O que não pôde ser não pôde ser e paciência. Eu havia aceito esse casamento como uma solução comercial aos nossos negócios. A solução falhou busquemos outra.
- Conde - A solução para os negócios é o de menos. A senhora Marqueza, bondosamente, concordou em levantar a nossa hipoteca e tornar-se, assim, duas vezes nossa credora. Credora de algumas centenas de contos e da nossa gratidão.
- Albano - Pois então, meu pai? E o que mais o preocupa então?
- Conde - A concessão da Senhora Marqueza constitui, apenas, uma transferencia de credor e uma dilatação de prazo para pagamento da dívida. O Casamento seria a liquidação total dessa dívida sem mais preocupações futuras.
- Albano - Pois eu lhe afianço que a solução atual me satisfaz muito mais. Casar sem amor seria uma grande arriscada e sabe Deus quantas vezes, no futuro, eu não me arrependeria desse gesto.
- Conde - Não creio, meu filho. Helena tinha todas as qualidades para ser uma boa esposa.
- Albano - E um defeito, também, que ficou bem evidenciado: a teimosia. Só ele já seria bastante - quando não existisse um amor profundo de parte a parte - para gerar desavenças de resultados imprevisíveis.
- Conde - (num suspiro) Tenho pena! Muita pena!... Tanto eu desejei esse casamento.
- Albano - Ouça, meu pai, eu tive uma ideia: com a transferencia da nossa dívida para a senhora Marqueza de San Diego, ~~obteremos~~ obteremos, conforme o senhor disse ha pouco, uma dilatação de prazo para o pagamento. Muito bem. Já que a mim não foi possível fazer qualquer coisa para nos livrarmos dessa dívida, cabe agora ao senhor procurar fazer. Aproveite essa dilatação de prazo e entre com o seu jogo para o lado da Marqueza.
- Conde - (Pausa) E será que a minha corte não irá ofendê-la?
- Albano - Ora, papai, francamente. O senhor nem parece que conheceu tão bem as mulheres. A corte dos homens, em qualquer idade em que elas se encontrem, é sempre um motivo de satisfação para a maldade feminina. Jogamos a primeira vez. Perdemos. Arrisquemos outra parada. Pôde ser que ela nos traga uma compensação.
- Conde - É isto mesmo, meu filho. Tens razão. Assim que os nossos negócios com a Senhora Marqueza estiverem concluídos, eu entrarei com o meu jogo.

(CORTINA MUSICAL)

(Fundo de música religiosa em sólo de órgão)

Piedade - Juras, minha filha, perante o filho de Deus crucificado, honrar sempre este hábito que acabas de vestir?

Helena - (quasi sem voz) Sim. Hei de fazer tudo para honrá-lo, minha irmã.

Piedade - Ajoelha-te então para que te coloque o véo de esposa de Cristo e a coroa de espinhos que é o símbolo do martírio a que os homens o sujeitaram. (Pausa longa) Neste momento, acaba de morrer para o mundo Helena de San Diego. É mais uma vida que se oferece em holocausto a Jesus, na missão sacrosanta de redimir os pecados da ~~humanidade~~ humanidade. Que Deus te inspire e te ampare no ~~caminho~~ que te propõe a ~~trilha~~. Levanta-te, agora, irmã Berenice e transpõe aquela porta que Jesus te espera!

Helena - (meia voz, chorando) Deus de infinita misericórdia! Tende piedade de mim! (soluços abafados)

(O som da musica sacra sóbe por alguns momentos, sendo após substituído pela

(CORTINA MUSICAL)

Rosalvo - (velno) Depois de tudo isto que acabei de te contar e que, como já te disse, chegou ao meu conhecimento por intermedio do noivo da camareira da Marqueza, sabendo que o último pedido de Helena não havia sido satisfeito, jurei a mim mesmo conseguir, a qualquer custo, aquele leque e mandá-lo ao convento onde ela estava sepultada para a vida. E foi buscando cumprir esse juramento, minha querida Percilia, que inutilizei as minhas pernas para o resto da minha existencia.

Percilia- Como assim, vovôsinho? O que foi que aconteceu? O senhor sempre me disse que foi em consequencia de um tombo de cavalo.

Rosalvo - Mentá sempre para não ser obrigado, dizendo a verdade, a recordar o grande martírio da minha vida.

Percilia- O que aconteceu então, Vovô? Conte.

Rosalvo - *Por intermedio da camareira*
~~Depois de muita lábia e de muitos presentes e favores ao noivo da camareira e à ela mesma, tive conhecimento de que o tal leque se encontrava guardado na gaveta da secretária da Marqueza, em seu proprio quarto. Não foi pouco o que custou, depois disto, conseguir a cumplicidade desses dois elementos, afim de que eu pudesse penetrar naquele quarto e de lá retirar o referido leque. E assim foi que na noite combinada...~~

(Uma rápida frase musical)

(Fundo de temporal para toda a cena.)

Rosalvo - (moço, meia voz) Fique sustentando a escada junto à janela e em caso de qualquer ruído suspeito imite o ~~ruído de canja~~ para que eu me resguarde; não se descuide. Fique alerta. (Pausa. Ouve-se um trovão mais forte) (monologando) A hora combinada para que a camareira narcotizasse a Marqueza foi a meia noite, portanto o narcótico deve estar em pleno efeito. A terceira janela a contar da esquina à direita é justamente esta. Vejamos, então. Ela deve estar apenas encostada. (Trovão mais forte) Estranho... a janela não cede, por mais pressão que se faça... será possível que eu me tenha enganado ao contar as aberturas? Mas não. Uma, duas, tres. A terceira janela a contar da direita é justamente esta. Talvez, então, a camareira tenha esquecido de torcer o trinco. ~~xxxxxxx~~ (trovão mais forte) A solução aqui é quebrar um vidro. Ela estando narcotizada nada ouvirá. O que é necessário é dar um golpe seco para que o ruído não seja muito forte e não chegue aos ouvidos de qualquer outra pessoa. (Trovão mais forte) E é preciso apurar antes que o temporal desabe. Aqui, aqui nesta altura deve estar o trinco. (Batida no vidro, quebrando-o).

Marqueza- (assustada, acordando-se) Quem é? (gritando muito) Ladrão! Ladrão! Socorro! Socorro, meu Deus!... *Socorro!*

Rosalvo - Depressa. Encoste a escada que eu vou descer.

Marqueza- (um pouco afastada) Socorro, meu Deus! Socorro, um homem!...

(Ouve-se dois tiros de rifle)

Rosalvo - Uii... Fui atingido nas costas, Estanislau. Ajude-me, por favor. Deixe a escada e arraste-me daqui.

(Latidos de cachorro ao longe, trovoadas fortes e)

(CORTINA MUSICAL)

Rosalvo - (velho) E o valoroso Estanislau conseguiu, depois de uma serie de enormes peripecias, arrastar-me do Solar sem sermos apanhados pelos guardas. Eu sofria horrivelmente pois que a bala me atingira justamente a espinha. Sofrendo dores atrozes e sufocando gemidos, naquela mesma noite iniciei a minha dança para Coqueiros onde só pelas nove horas da manhã, finalmente, pude ser atendido por um medico. E o resto tu já o sabes de sobra. Ao morrer meu irmão, que era o teu verdadeiro avô, tua mãe que com ele morava desde que enviuvára, aceitou o meu convite e veio para minha companhia. Tinha então cinco anos. Mais tarde, quando tua mãe morreu também, tu então a substituíste neste posto de sacrificio e te tornaste a minha companheira de desterro e a minha enfermeira carinhosa, visto que, pelo amor imenso que consagrara a Helena, inutilizara-me para o resto da vida.

Percilia- Pôbre Vóvôsinho! Agora compreendo por que fez tanto empenho em conseguir este leque.

Rosalvo - Já que não o pude entregar a ela, como desejára, quero ao menos conservá-lo comigo.

Percilia- Escute, vóvô, e se o entregássemos agora, o senhor acha que ela ainda o aceitaria?

Rosalvo - Não sei, minha filha. Nem sei se ela vive ainda.

Percilia- E sabe, ao menos, o convento onde ela se recolheu?

Rosalvo - Sei. É o convento de Santa Mônica, a dois kilometros da Chapada. E mesmo que não mais exista, seus restos ali devem ainda estar porque as religiosas daquela ordem, ao morrer, são sepultadas nas capelas dos respectivos conventos.

Percilia- Pois bem, vóvôsinho, eu vou então tentar entregar-lhe este leque, si ela ainda existir. ~~Se ela o recusar, ele voltará comigo.~~

Rosalvo - *Eu me sentiria feliz e compensado de tudo que sofri*
Percilia - *Se ela o recusar, o leque voltará comigo.*
(CORTINA MUSICAL)

Percilia- (meia voz) É a irmã Berenice?

Helena - (velha) Sim. Mas o que tem o senhor Capelão que está com a voz tão diferente?

Percilia- Não é o senhor Capelão que aqui se encontra.

Helena - Como? Quem ousou penetrar no confessorio do Convento?

Percilia- Tenha calma, irmã Berenice. Foi a única maneira que encontrei para falar-lhe e eu tinha necessidade absoluta de o fazer.

Helena - Quem é a senhora? O que deseja de mim?

Percilia- Fale baixo, por favor. Deixe-me falar e tenho a certeza de que se acalmará porque a minha intenção é a melhor deste mundo.

Helena - Ao menos responda uma pergunta que lhe vou fazer: o padre Capelão sabe que a senhora se encontra aqui no lugar dele?

Percilia- Eu lhe direi tudo depois. Primeiro quero entregar-lhe, através das grades deste confessorio, um presente que lhe mandaram. Segure-o.

Helena - O que é isto?

Percília- Veja e eu não terei necessidade de dizer-lhe nada. (Ruído de papel)

Helena - (após uma pausa, com voz abafada) Como?!... Porque veio a senhora trazer-me este leque?

Percília- Porque sei que ao entrar neste convento fez à superiora o pedido de conservá-lo com a senhora.

Helena - Mas isso foi ha mais de trinta anos passados.

Percília- Esse pedido foi negado não pela superiora mas pela pessoa que guardava esse leque em seu poder, mas alguém que soube de tudo e que jamais a esqueceu, jurou que um dia este leque havia de voltar às suas mãos.

Helena - Mas eu não posso mais aceitá-lo. Graças à divina misericórdia do meu Jesus, hoje só a ele pertencem todos os meus pensamentos. Esse objeto talvez que num momento de fraqueza me fizesse voltar ao passado e eu teria atraído o meu divino esposo. Leve-o, por favor. Leve-o de volta. Não o quero mais.

Percília- Que pena! Quanto vai sofrer meu pobre vovosinho com a sua recusa. Quanto irá, talvez, lastimar, a inutilidade de tantos riscos e de tantos sacrifícios.

Helena - Quem é seu avô? Por que desejou entregar-me este objeto?

Percília- Meu avô é Rosalvo de Campos. O homem que escreveu nesse leque para as suas mãos. Não é meu avô, propriamente. É meu tio avô. Rosalvo de Campos nunca mais pensou em amar ou casar com outra. Para adquirir este leque e atender o seu último pedido da vida profana, tentou penetrar no Solar da senhora Marqueza de San Diego e um tiro, atingindo-lhe a espinha, inutilizou-o para o resto da vida. Hoje sou a sua enfermeira. Sou tudo que o prende à vida, além da lembrança constante do grande amor que lhe dedicou. Vim de tão longe com a esperança de poder dar ainda um prazer ao pobre velho paralítico e afinal... Já que não o quer aceitar, passe-o novamente pelas grades do confessionário que não poderei demorar-me muito tempo por aqui.

Helena - Não. Deixe-o comigo. Diante do que me contou seria deshumano recusar. Eu o depositarei aos pés da Virgem como uma oferta preciosa, pois que ele foi, em tempos idos, a revelação de uma felicidade terrena que eu apenas vilumbrei. O meu querido Jesus, por compreender a minha intenção, ha de me perdoar!...

(CORTINA MUSICAL)

Rosalvo - (velho) Nem sei como te agradecer, minha boa e querida Percília. Mas conta-me como conseguiste uma coisa quase impossível.

Percília- Deus achava justa a nossa causa e auxiliou-me, Vovôsinho. Como não encontrasse cômodos no único hotelzinho da localidade a irmã do Padre Capelão abrigou-me em sua casa. Por intermedio dele, ao fim do terceiro dia de permanencia lá, estava informada que irmã Berenice existia e que era sempre a primeira que se ajoelhava ao confessionário todas as manhãs. Um ataque muito grande de reumatismo impediu o Padre Capelão de ir ao convento numa manhã de muita chuva. Sabendo que o confessionário tinha entrada direta da rua e que a chave ficava sempre no chaveiro do Padre Capelão, não tive nenhuma dúvida de aproveitar a ocasião e ~~possuir~~ apossar-me dela, ocupando o lugar do capelão apenas durante a primeira confissão que era, justamente, a da irmã Berenice. O que ela terá dito depois às demais irmãs, para justificar a ausencia do Padre Capelão, não cheguei a saber porque finda a missão que me levára até lá tratei de regressar imediatamente. E aqui me tem outra vez, feliz e satisfeita por estar novamente a seu lado e por ter podido cumprir, em seu lugar, o juramento que fez.

Rosalvo- Minha querida netinha! Que alegria tão grande tu me deste! E que trabalho imenso te dei sei... Talvez que fosse mais justo que me tivesse mais

tido calado até o fim. Teria te poupado de tantos sustos e tantos dissabores.

Percilia - Não, Vôvôsinho, tudo o que fiz foi com tanto prazer que nem me apercebi dos trabalhos que tive.

Rosalvo - Mas eu deveria ter calado, sim. Teria sido mais justo. E era ~~também~~ esse o meu desejo. Mas houve uma força maior de que eu... e a saudade falou!...

(ouve-se, ao longe o noturno de chopin que foi tocado no principio, em sólo de piano).

Helena - (em voz suave, um pouco afastada)
Mãos fidalgas, de nobre realeza!
Deveis ter sido o sonho de beleza
d'Aquela que criou todos os mundos!...

Rosalvo - Bem valeis o encanto de um poema,
brancas mãos que eu quizera, n'hora extrema,
sentir sobre os meus olhos moribundos!...

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, PARA FINAL DO PROGRAMA)

SPEAKER - Ouviram"...e a saudade falou!" um trabalho de Roberto Lis numa apresentação do Grande Teatro Difusora que tem o patrocínio exclusivo da Pantaco S.A. Industria e Comercio.
Na proxima terça feira, às mesmas horas de hoje, Roberto Lis e seus Artistas apresentarão "O preço da vida", mais um trabalho da autoria de Roberto, num oferecimento da Pantaco S.A. aos seus amigos e freguezes.

(Segue o anúncio da Pantaco)

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, PARA FIM DO PROGRAMA)